

MICHAEL ONDAATJE

A mesa da ralé

Tradução

Jorio Dauster



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2011 by Michael Ondaatje

Publicado originalmente por McClelland & Stewart Limited, um selo da Random House of Canada Limited, Toronto.

Agradecimentos à Hal Leonard Corporation: letra e música de “Winin’ Boy Blues”, por Ferdinand “Jelly Roll” Morton, copyright © 1939, 1940, 1950 by Tempo Music Publishing Co., copyright renovado por Edwin H. Morris & Company, uma divisão da MPL Music Publishing, Inc. Todos os direitos reservados. Reimpresso com a permissão da Hal Leonard Corporation.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

The Cat’s Table

Capa

warrakloureiro

Foto de capa

English School/ The Bridgeman Art Library/ Getty Images

Preparação

Ciça Caropreso

Revisão

Valquíria Della Pozza

Renata Lopes Del Nero

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ondaatje, Michael

A mesa da ralé / Michael Ondaatje ; tradução Jorio Dauster.

— 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2014.

Título original: The Cat’s Table.

ISBN 978-85-359-2449-7

1. Ficção norte-americana I. Título.

14-03764

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Ele não falou uma palavra. Olhava pela janela do carro durante todo o trajeto. Dois adultos no assento da frente conversavam baixinho. Ele teria podido escutar se quisesse, mas não se interessou. No trecho da estrada às vezes inundado pelo rio, ouviu as rodas espirrando água para todos os lados. Entrando no Forte, o carro passou em silêncio pelo prédio dos correios e pela torre do relógio. Àquela hora da noite praticamente não havia tráfego nas ruas de Colombo. Desceram a Reclamation Road e deixaram para trás a igreja de Santo Antônio, surgindo depois as últimas barracas de comida, cada qual iluminada por uma única lâmpada. Entraram por fim no vasto espaço do porto, com uma feira distante de luzes ao longo do píer. Ele saiu e permaneceu junto ao motor ainda quente do carro.

Em meio à escuridão, ouvia os latidos dos vira-latas que viam no cais. Quase tudo ao redor era invisível, exceto o que estava diretamente sob o feixe de luz lançado por algumas lanternas de enxofre — estivadores puxando uma procissão de carros de bagagem, algumas famílias formando grupinhos coesos. Todos começavam a se encaminhar para o navio.

Ele tinha onze anos nessa noite em que, inexperiente de tudo, subiu pela primeira e última vez a bordo de um navio. Parecia que uma cidade fora incorporada à costa, mais bem iluminada do que qualquer povoado ou aldeia. Caminhou pela prancha de embarque olhando fixamente para os pés — nada existia à frente dele —, continuando assim até chegar diante do porto às escuras e do mar. Mais ao longe, viam-se os contornos de outros barcos onde as luzes começavam a ser acesas. Ficou ali sozinho, sentindo o cheiro de tudo, e depois atravessou o ruidoso agrupamento de pessoas, voltando ao lado do navio que dava para a terra. Um brilho amarelo sobre a cidade. Era como se um muro já se erguesse entre ele e o que lá se passava. Camareiros começaram a distribuir petiscos e licores. Após comer vários sanduíches, desceu para sua cabine, tirou as roupas e se acomodou no beliche estreito. Só uma vez se cobrira para dormir, em Nuwara Eliya. Permaneceu totalmente acordado. A cabine ficava abaixo do nível das ondas, não havendo por isso nenhuma escotilha. Encontrou um interruptor ao lado da cama e, ao acioná-lo, sua cabeça e o travesseiro foram repentinamente iluminados por um cone de luz.

Não voltou ao convés para dar uma última olhada ou acenar aos parentes que o haviam trazido ao porto. Ouvia as cantorias e imaginou as despedidas, inicialmente mornas e depois acaloradas, de todos os familiares naquela noite cheia de emoções. Ainda hoje não sei por que ele preferiu ficar só. Será que as pessoas que o levaram ao *Oronsay* já teriam partido? Nos filmes, todos se separam aos prantos, o navio vai se afastando do cais enquanto os viajantes tentam reter aqueles rostos cada vez mais longínquos, até não poderem mais distingui-los.

Talvez aquele gafanhoto verde ou pequeno grilo que se esconde nervosamente no acanhado beliche não tenha nem mesmo um senso de identidade, como se houvesse sido acidental-

mente contrabandeado para o futuro sem a menor noção do que estava acontecendo.

Acordou ouvindo passos apressados no corredor. Vestiu-se de novo e saiu da cabine. Algo estava acontecendo. Os urros de um bêbado enchiam a noite, competindo com a gritaria dos funcionários que tentavam calá-lo. No centro do convés B, vários marinheiros se esforçavam para agarrar o práctico. Depois de haver conduzido o navio com todo o cuidado para fora do porto (cumprira evitar as ruínas de naufrágios anteriores e um quebra-mar havia muito submerso), ele comemorou o feito de forma exagerada. Agora, aparentemente não queria ir embora de modo algum. Ainda não. Quem sabe ficar mais uma ou duas horas no navio. Mas o *Oronsay* estava ansioso para zarpar à meia-noite em ponto, e o rebocador do práctico esperava junto ao costado. A tripulação tinha se esforçado para fazê-lo descer a escada de cordas, mas, diante do perigo de que morresse na queda, o envolveram numa rede, como um peixe, e o baixaram em segurança. O episódio não parecia nem um pouco embaraçoso para o práctico, e sim para os oficiais da Orient Line, perfilados na ponte e furiosos em seus uniformes brancos. Os passageiros deram vivas quando o rebocador se afastou. Ouviu-se então o som em dois tempos do motor a diesel e o canto tristonho do práctico enquanto a embarcação desaparecia na noite.

Partida

Antes desse navio, que experiência eu tinha com embarcações? Uma piroga descendo um rio? Uma lancha no porto de Trincomalee? Nunca faltaram barcos de pesca em nosso horizonte, porém nunca imaginei a imponência desse castelo que cruzaria os mares. As viagens mais longas que eu havia feito foram passeios de carro a Nuwara Eliya e Horton Plains, ou a Jaffna de trem, que tomávamos às sete da manhã para desembarcarmos no fim da tarde. Nessas ocasiões, levávamos sanduíches de ovo, doces de gergelim, um baralho e um pequeno livro de aventuras.

Mas tinha sido decidido que eu iria por mar para a Inglaterra e que faria sozinho a viagem. Como não haviam mencionado que poderia se tratar de uma experiência incomum, excitante ou perigosa, não a encarei nem com alegria nem com medo. Não me preveniram que o navio tinha sete andares e transportaria mais de seiscentas pessoas, e que, além do capitão, viajariam conosco através de dois oceanos nove cozinheiros, inúmeros mecânicos, um veterinário, uma pequena prisão e piscinas cheias de água clorada. A data da partida foi assinalada no calendário como algo

banal por minha tia, que havia notificado o colégio de meu desligamento no fim do período escolar. Como ninguém se importou muito com o fato de que eu iria ficar vinte e um dias em um navio, foi uma surpresa meus parentes terem se dado ao trabalho de me levar até o porto. Achei que eu fosse pegar um ônibus sozinho e depois mudar para outro na Borella Junction.

Tinha havido uma única tentativa de fazer com que eu me familiarizasse com as condições da viagem. Uma senhora chamada Flavia Prins, cujo marido conhecia meu tio, por acaso viajaria no mesmo navio e foi convidada a tomar chá certa tarde para que eu lhe fosse apresentado. A senhora iria viajar na primeira classe, mas prometeu ficar de olho em mim. Apertei-lhe a mão cuidadosamente, pois estava coberta de anéis e braceletes, e ela logo se voltou para continuar a conversa que eu interrompera. Passei quase uma hora ouvindo o que diziam meus tios e contando quantos sanduíches de pão sem crosta eles comiam.

No último dia em terra, achei um caderno escolar em branco, um lápis, um apontador e um mapa do mundo só com o contorno dos continentes, e os guardei em minha pequena mala. Saí de casa e me despedi do gerador, desenterrando depois as peças do rádio que eu desmontara e que, incapaz de armar de novo, havia sepultado no gramado. Disse adeus a Narayan e até logo a Gunepala.

Ao entrar no carro, foi-me explicado que, após cruzar o oceano Índico, o mar da Arábia e o mar Vermelho, eu atravessaria o canal de Suez e o mar Mediterrâneo para enfim atracar, certa manhã, num pequeno píer na Inglaterra, onde minha mãe estaria me esperando. Não me preocupei com a escala da viagem, e sim com o detalhe de como minha mãe iria saber quando exatamente eu chegaria àquele outro país.

E se ela estaria lá.

Ouvi o ruído de uma folha de papel sendo empurrada por baixo da minha porta. Designava a mesa 76 como aquela onde eu faria todas as refeições. Ninguém havia dormido no outro beliche. Vesti-me e saí. Não estava acostumado com escadas e subi cautelosamente.

No restaurante, havia nove pessoas sentadas à mesa 76, incluindo dois meninos mais ou menos da minha idade.

“Acho que estamos na mesa da ralé”, disse uma mulher chamada srta. Lasqueti. “A de menor prestígio.”

Era evidente que nos encontrávamos longe da mesa do capitão, situada na extremidade oposta do salão. Um dos meninos se chamava Ramadhin, o outro Cassius. O primeiro era quieto, o segundo parecia metido a besta, e eu e ele nos ignoramos, embora o tivesse reconhecido. Havíamos frequentado a mesma escola e, embora ele fosse um ano mais velho, eu sabia bem quem ele era graças à sua notoriedade, por ter sido suspenso durante um período escolar. Eu tinha certeza de que passaria muito tempo antes de nos falarmos. Mas o bom da mesa é que,

pelo jeito, havia vários adultos interessantes. Tínhamos um botânico, um alfaiate com loja no Kandy e, o mais excitante de todos, um pianista cuja carreira, segundo ele confessou alegremente, havia “degringolado”.

Chamava-se sr. Mazappa. À noite tocava na orquestra do navio e à tarde dava aulas de piano. Por causa disso, recebera um desconto no preço da passagem. Após essa primeira refeição, ele contou a mim, Ramadhin e Cassius várias passagens divertidas de sua vida. Foi por ficarmos com o sr. Mazappa enquanto ele nos brindava com as letras confusas e às vezes obscenas de músicas que ele conhecia que nós três acabamos nos aceitando. Tímidos e desajeitados, nenhum de nós havia nem mesmo tentado cumprimentar os outros dois até que Mazappa resolveu ser nosso protetor, nos aconselhando a ficarmos de olhos e ouvidos bem abertos porque aquela viagem poderia ser muito instrutiva. Desse modo, ao final do primeiro dia descobrimos que podíamos exercitar juntos nossa curiosidade.

Outra pessoa interessante na mesa da ralé era o sr. Nevil, um ex-sucateador de navios, que voltava para a Inglaterra depois de viver certo tempo no Oriente. Procurávamos com frequência aquele homem grande e bonachão devido a seu conhecimento detalhado da estrutura dos navios. Ele tinha desmontado muitas embarcações famosas. Ao contrário do sr. Mazappa, o sr. Nevil era modesto e só falava sobre aqueles episódios de seu passado se a pessoa soubesse extrair a informação. Não fosse ele tão modesto ao responder a nossa saraivada de perguntas, não o teríamos levado a sério ou nos encantado tanto.

Além disso, ele tinha acesso a todas as áreas do navio, pois realizava uma pesquisa de segurança para a Orient Line. Apresentou-nos a seus colegas nas salas de máquinas e da caldeira, permitindo que observássemos o que se passava nesses lugares. Comparada à primeira classe, a sala de máquinas — nas profun-

dezas do inferno — vibrava com um nível insuportável de barulho e calor. Num passeio de duas horas pelo *Oronsay*, o sr. Nevil apontava todas as possibilidades de perigo real ou imaginário. Explicou que os botes salva-vidas balançando em pleno ar apenas pareciam perigosos, razão pela qual Cassius, Ramadhin e eu frequentemente subíamos nos escalerres para ter um posto especial de observação a fim de espionarmos os passageiros. O comentário da srta. Lasqueti de que estávamos no lugar “de menor prestígio”, sem nenhuma importância social, foi o que nos levou corretamente a crer que éramos invisíveis para os membros mais importantes da tripulação, tais como o comissário de bordo, o maître e o capitão.

Para minha surpresa, descobri que uma prima distante, Emily de Saram, se encontrava a bordo. Infelizmente, não havia sido posta na mesa da ralé. Durante anos Emily me mostrara como eu era visto pelos adultos. Contava-lhe minhas aventuras e ouvia suas opiniões. Ela era honesta acerca do que gostava ou não gostava e, sendo mais velha do que eu, tratei de me ajustar a suas avaliações.

Como eu não tinha irmãos nem irmãs, meus parentes mais próximos eram todos adultos. Havia um sortimento de tios solteiros e tias solteironas que viviam fofocando juntos e se preocupando com suas posições sociais. Tínhamos um parente rico que fazia tudo para se manter à distância. Ninguém o apreciava, porém todos o respeitavam e falavam dele sem parar. Os membros da família analisavam os cartões de Natal que ele se sentia obrigado a enviar todos os anos, discutindo a aparência de seus filhos na fotografia e o tamanho da casa que servia como pano de fundo (e era entendida como uma ostentação silenciosa). Cresci ouvindo esses juízos familiares, que comandaram meu comportamento cauteloso até eu me ver longe deles.

Mas sempre havia Emily, minha “*machang*”, vizinha de casa durante vários anos. As infâncias dela e minha tinham sido semelhantes ou porque nossos pais viviam longe, ou porque não eram confiáveis. Suspeito, porém, que a vida dela em casa fosse pior que a minha — os negócios do pai, sempre duvidosos, punham a família sob a constante ameaça de sua irascibilidade. A mulher se dobrava diante das ordens dele. Do pouco que Emily me contou, soube que ele gostava de infringir castigos. Até mesmo os adultos não se sentiam seguros perto dele. Somente as crianças que iam à sua casa para uma festa de aniversário apreciavam seus humores incertos. Ele nos dizia alguma coisa engraçada e pouco depois nos empurrava para dentro da piscina. Emily se mostrava nervosa a seu lado, mesmo quando ele a pegava pelos ombros num abraço amoroso e a fazia dançar com os pés descalços em cima de seus sapatos.

Na maior parte do tempo, o pai dela estava no trabalho ou simplesmente desaparecia. Emily não podia contar com nenhum roteiro seguro, por isso suponho que tenha se inventado. Tinha um espírito livre, um quê indomável que me atraía, embora ela tenha corrido riscos em diversas aventuras. No fim, por sorte, a avó de Emily pagou seus estudos num internato no sul da Índia, e assim ela escapou da presença do pai. Senti sua falta. E, quando ela voltava para as férias de verão, não a via muito porque ela tinha conseguido um emprego temporário na Ceylon Telephone. Um carro da empresa a apanhava de manhã, e seu chefe, o sr. Wijebahu, a deixava em casa no final do dia. Dizia-se que o sr. Wijebahu, ela me confidenciou, tinha três testículos.

O que mais nos aproximou foi a coleção de discos de Emily, com todas aquelas vidas e desejos rimados e destilados numa canção de dois ou três minutos. Heróis mineradores, garotas tuberculosas que viviam no andar de cima de lojas de penhores, caçadores de ouro, jogadores famosos de críquete, e até mesmo o

fato de não terem mais bananas. Ela me considerava um sonhador, me ensinou a dançar segurando-a pela cintura enquanto fazia movimentos ondulantes com os braços, me mostrou como se podia pular sobre o sofá e fazer com que nosso peso o tombasse para trás. Mas depois sumia de novo, outra vez na longínqua Índia, escrevendo umas poucas cartas dirigidas à sua mãe em que implorava para receber mais doces através do consulado belga, cartas que o pai, orgulhoso, fazia questão de ler em voz alta para todos os vizinhos.

Quando Emily embarcou no *Oronsay*, dois anos haviam se passado desde que a vira pela última vez. Foi um choque vê-la agora com uma postura mais distinta, o rosto mais magro e uma graça de que antes não me dera conta. Com dezessete anos, o colégio interno a fizera perder parte de sua impetuosidade, mas ela ainda arrastava as palavras de um modo que me encantava. O fato de me agarrar pelo ombro quando eu passava correndo pelo convés de passeio, me obrigando a conversar com ela, causava inveja a meus dois novos amigos. No entanto, era evidente que ela não desejava ser seguida na maior parte do tempo. Tinha seus próprios planos para a viagem, algumas semanas finais de liberdade antes de chegar à Inglaterra para completar os dois últimos anos de estudo.

A amizade entre mim, o quieto Ramadhin e o exuberante Cassius não demorou a se firmar, conquanto não estivéssemos sempre juntos. Pelo menos eu preferia assim. A minha mão esquerda nunca sabia o que a direita guardava. Eu tinha um treinamento intensivo em matéria de cautela. Nos internatos em que havia estudado, o medo de ser punido me preparara para mentir bem, para omitir pequenas verdades convenientes. A punição, na realidade, nunca nos ensinou a ser inteiramente honestos nem

nos humilhou o suficiente para que o fôssemos. Ao que parece, apanhávamos o tempo todo por causa das notas sofríveis ou de uma série de vícios (ficar na enfermaria por três dias fingindo estar com caxumba, manchar para sempre uma das banheiras da escola ao dissolver bolas de corante na água a fim de fabricar tinta para os alunos mais velhos). Nosso pior verdugo era o diretor do primário, o padre Barnabus, que ainda terroriza minhas recordações com sua arma preferida, uma longa vara de bambu partido. Ele nunca dava razões ou dizia alguma coisa. Apenas caminhava perigosamente entre nós.

No *Oronsay*, contudo, era possível escapar de todo à disciplina. E me reinventei nesse mundo aparentemente imaginário, com seus sucateadores de embarcações e alfaiates, com passageiros adultos que, nas festas noturnas, cambaleavam com enormes máscaras de animais, algumas mulheres dançando com saias curtíssimas, enquanto a orquestra do navio, com o sr. Mazappa nela, tocava em cima de um estrado com os músicos vestindo ternos cor de ameixa.